

Samuel Dimas

DEUS, O HOMEM  
E A SIMBÓLICA DO REAL  
ESTUDOS SOBRE METAFÍSICA CONTEMPORÂNEA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Deus, o Homem e a Simbólica do Real  
Estudos sobre Metafísica Contemporânea

*Autor:* Samuel Dimas

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* DED/INCM

*Revisão do texto:* Joaquim Melo

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Junho de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1703-8

*Depósito legal:* 290 154/09

## PREFÁCIO

1. *É muito agradável para mim, e muito gratificante, ser o prefaciador deste livro do jovem filósofo Samuel Dimas. Agradável, porque me apraz fazê-lo. A leitura deste livro deu-me prazer. Prazer intelectual e espiritual, o que significa que esse prazer foi sentido, vivido e vivenciado a dois níveis do mundo do pensamento. Ascendentemente, como se sabe, pois o mundo espiritual se situa num plano mais elevado que o mundo intelectual e o que há a fazer neste é alçarmo-nos àquele. Para nosso bem, é claro. Espero que o sentimento de agrado que este livro em mim gerou se multiplique por aqueles que venham a lê-lo e para isso reúnam as indispensáveis condições. Avancei eu que prefaciador este livro foi também para mim gratificante. É, realmente, um privilégio que me é dado; graça do autor em pessoa. A graça é indefinidamente multiplicada pelo facto de ele achar — ele, autor, achar — que é graça que eu lhe concedo a ele. Engana-se o autor; a graça é só minha. O jovem filósofo que pensou e escreveu este livro é jovem e filósofo; é um filósofo jovem; sendo jovem, é já filósofo a sério. É ainda promessa, mas é já realidade, é já saboroso fruto. É minha a graça de poder anunciá-lo. Espero que o leitor partilhe a minha apreciação.*

2. *A meditação filosófico-teológica do autor deste livro é rigorosa. Todas as palavras são pesadas na exigente balança do logos, só passando no escrutínio as que dizem alguma coisa de sófico e de lógico e, no conjunto das que resistiram à pesagem, as que dizem alguma coisa do ainda não dito e que importa, e urge, dizer, no tempo em que são ditas. Este. O nosso. A meu ver, Samuel Dimas tem algo a dizer, fundamenta e informa o que diz, dialoga com quem deve e fá-lo não dispersivamente, mas sistemicamente. A assembleia dos seus interlo-*

*cutores é ampla e qualificada, bem guarnecida de qualificados testemunhos, mas o que subjaz à escolha e conseqüente constituição da assembleia não é qualquer intuito histórico-monográfico, mas uma profunda intencionalidade sistémica. A este respeito, a aparente formação do livro a partir de disjecta membra textuais, escritos em particulares circunstâncias, pode iludir a percepção da unidade de pensamento que os sustenta e vivamente nutre. Este livro é uno, sistémico.*

*Deus é o solar tema, problema e solução para o homem, aquele ser que pensa o ser e o sentido do ser e de ser, que está patente em todas as páginas deste livro, da primeira à última. São para Deus todos os itinerários desenhados no mapa que este livro é. Samuel Dimas não é cartógrafo, mas cartólogo, metafísico. Agrada-me a mim que assim seja. Essa é a preocupação que vejo na obra *Húmus*, de Raul Brandão, autor que Samuel Dimas por acaso não convoca para a sua assembleia, mas que nela vejo por direito metafísico próprio.*

**3.** *A primeira mão em que se apoia Samuel Dimas é a de Bernard Lonergan, eminente filósofo e teólogo de nacionalidade canadiana, de formação originária tomista, inserido na tradição e vinculação da Societas Jesu, ainda pouco conhecido na comunidade filosófica portuguesa mas já o bastante em extensão e profundidade no espaço universitário e filosófico-teológico católico, para nosso proveito.*

*A primeira parte deste livro enfrenta o problema originário da consciência, desde logo o problematizando definindo a consciência como cognoscente e agente. O autor segue Lonergan, mas segue-o para pensar por si. Pensa criticamente, um pensamento habitado por uma teleologia que vai caminhando e gradualmente se expressando ao longo do caminho. Desenha a concepção dinâmica do ser de Lonergan, que assume no essencial. De igual modo procede relativamente à crítica que faz da abstracção conceptualista, com o que são superados os horizontes metafísicos de Descartes e de Kant. O ser é considerado como concreto, irrestrito e dinâmico, só conhecido no juízo, que aliás antecede e a que sucede. Ao par da ciência moderna, e em oposição à ciência clássica — que é aquela a que correspondem o mecanicismo cartesiano e a objectividade normativa e absoluta da noção racionalista de razão pura kantiana —, termina por não poder também aceitar a objectividade normativa da dialéctica hegeliana e sua prole.*

*O sujeito não pode, pois, ser negligenciado. Bem ao invés, dele se parte para o termo sem termo do itinerário. Sempre pensando pela mão de Bernard Lonergan, precisamente vai ser meticulosamente analisado*

*o quadro de configurações da experiência por onde flui a consciência. Tal análise conduz o filósofo à afirmação de que a auto-afirmação do sujeito cognoscente é uma lei imanente. O ser vai aparecer como objecto do puro desejo irrestrito de conhecer. Esse desejo leva o sujeito cognoscente humano à afirmação da existência de Deus e à descrição dos seus atributos, concluindo que, enquanto causa do universo, Deus não pode ser o autor do mal. Com Lonergan, e a ele (hermeneuticamente) fiel, chega Samuel Dimas ao problema do mal, ou seja, ao centro ou cerne da preocupação filosófica nuclear do que é chamado, com apoio de uns e hostilidade de outros, a filosofia portuguesa.*

*Esse problema é analisado, ainda e finalmente no quadro da filosofia-teologia lonerganiana, com os devidos cuidado e pormenor. Não me ocuparei aqui dessa análise. Bastará que diga que Deus é finalmente dado como mistério e que é dado, como tal, como solução para o problema do mal, implicando tal solução o conhecimento da fé, a qual nasce da experiência amorosa de Deus. São Tomás — o teólogo-filósofo das cinco vias para chegar positivamente à conclusão da existência de Deus — está presente no horizonte da investigação filosófico-teológica de Bernard Lonergan, nos termos pessoais enriquecedores da apresentação de Samuel Dimas. Aberto fica, luminosamente, o caminho para outras formas — no caso, as nossas — do pensamento universal, que pode e deve ser — e sempre tem sido, por não poder deixar de ser — situado. O espaço europeu da situação vai levar Samuel Dimas a convocar para a sua assembleia metafísica Karl Rahner e Martin Heidegger. Dentro do espaço europeu, o espaço hispânico, dentro do qual se inscreve o espaço lusitano: na assembleia se assentam Xavier Zubiri, Eugenio Trías, Delfim Santos, Leonardo Coimbra, Fernando Pessoa, Afonso Botelho, José Marinho, Álvaro Ribeiro. Uma assembleia de pensadores de Deus. Estou convencido de que outros virão a ser convocados por Samuel Dimas, a seu tempo e no seu tempo. Como deixei dito, o filósofo é jovem. E o tempo, se é certo que leva, também é certo que traz; se é certo que vai, também é certo que vem.*

**4.** *A Hispânia, como fonte de pensamento — no caso presente, metafísico —, ocupa toda a segunda parte do livro de Samuel Dimas, tematizada em «a experiência de Deus». Emergem da assembleia Xavier Zubiri, Delfim Santos, Leonardo Coimbra e Fernando Pessoa. Tem muito a dizer sobre esta matéria o filósofo espanhol. Caracterizadas a realidade humana e a realidade de Deus, ficam edificadas os patamares*

para tematizar e problematizar o acesso do homem a Deus e levantar a temerosa, também fascinante, ideia do homem como experiência de Deus.

O segundo passo dado nesta parte centra-se em Delfim Santos, cuja experiência religiosa se encontra agora, crescentemente, na mira dos investigadores da sua obra. Esperar-se-ia que aparecesse Delfim Santos depois do mestre, Leonardo Coimbra. Aparece antes, e creio que por boas razões. Efectivamente, do ponto de vista da lógica íntima da experiência religiosa filosófica, Leonardo Coimbra encontra-se num plano mais alto da mesma. O leibnizianismo, precoce e continuado, de Leonardo Coimbra outorgou-lhe desde sempre, e sempre, uma posição mais favorável para ver, no humanismo cristão, a íntima unidade entre a natureza e a graça.

O complexo, e por vezes aparentemente intransitável, Fernando Pessoa não deixa de ser chamado à colação, reconhecendo na unificável expressão do seu pensamento profundo e real — aceite-se a palavra... — o desenho de um itinerário do divino, que não exactamente de Deus. Mas, justamente, a experiência de Deus é complexa e múltipla. Rica de formas, figuras, aspectos e intensidades. A riqueza do pensamento hispânico, a este respeito, não é expressão de disfarçada pobreza e menoridade. Eu o penso, creio que em sintonia com o autor deste livro.

5. Foi Karl Rahner um dos maiores teólogos do século xx. Na terceira parte do seu livro convoca-o Samuel Dimas para ajudar à análise do problema d'a razão fronteira e a simbólica do real. Desde o título deste livro que pudemos constatar que o autor não nos fala do real propriamente dito mas da sua simbólica. É-nos sugerido, direi que logo na primeira sílaba, que não é o real em si mesmo que nós podemos captar nas tentativas que fazemos para a sua apreensão, mas apenas a sua simbólica, descontando o erro porventura essencial presente no «apenas». Expondo a análise do problema da simbólica do real em Karl Rahner, somos nós colocados perante os esforços de construção conjugados de uma ontologia e de uma teologia da realidade simbólica e, logo após, de um visionamento filosófico-teológico do corpo como símbolo do homem. Os docetistas desvalorizavam ontologicamente o corpo de Jesus Cristo, que afirmavam ser um corpo aparente. Sendo Deus, não podia Jesus ter um corpo real. Em Karl Rahner não é assim. Lembremos que não é assim em Leonardo Coimbra, cuja cristologia cósmica muito se aproxima da de Teilhard de Chardin. Para Rahner, como no-lo mostra Samuel Dimas, a humanidade de Jesus Cristo é o símbolo real do logos.

6. O leitor deste livro pode ficar agradavelmente surpreendido com a presença do filósofo espanhol Eugenio Trías na assembleia hispânica reunida por Samuel Dimas. Trías merece a escolha, ele que tem sido injustamente esquecido pela comunidade filosófica portuguesa, mesmo por aquela que respira filosoficamente na mesma atmosfera. Já, por minha parte, uma vez tive a oportunidade de aproximar certos aspectos do seu pensamento ao pensamento teológico-político de Agostinho da Silva. Parece-me que ninguém ouviu. Vemos aqui Samuel Dimas dedicar-lhe uma longa atenção na terceira parte, debruçando-se — na filosofia do limite — sobre a unidade espiritual entre razão e símbolo. Assinalarei aqui, por economia de espaço e tempo (do leitor), apenas dois tópicos. É o primeiro o do método filosófico. Eugenio Trías define posição contra a razão analítica positivista, a razão dialéctica materialista e a razão narrativa sincretista. É o segundo o da ponte que leve a passar do logos simbólico ao logos racional na procura da superação da cisão entre o mundo divino e o mundo natural. Todo o esforço realizado no último século para recolher e compreender a experiência humana do sagrado comparece nesta apresentação do pensamento de Eugenio Trías sobre o divino, nela fazendo culminar o encontro com o sagrado através da fé cristã reformista, em que a relação entre a razão divina e a razão natural se instala no equívoco. Para superar esse equívoco proclama Eugenio Trías a necessidade de um logos racional que promova a mediação entre o mundo numinoso da graça (transcendente) e o mundo fenoménico da vida natural (imaneente).

Continuando a desenhar a linha teleológica do seu pensamento, analisa agora Samuel Dimas as categorias ontológicas da filosofia do limite de Eugenio Trías. Procura-se uma razão que não recuse o mistério e a relação com ele, mas que precisamente seja fronteiriça: que na fronteira com o mistério aceda a este pelo recurso ao símbolo e assim chegue a afirmar a verdade do ser de limite, transcendendo a tábua categorial constitutiva do triângulo ontológico ser de limite/razão fronteiriça/suplemento simbólico, de Eugenio Trías. A cisão sem aparente sutura possível entre o transcendente e o imanente, assinalada ao fazer a análise do método filosófico, pode afinal ser superada pela unidade espiritual entre razão e símbolo. A busca de tal unidade nasce no próprio momento do triunfo — aparente, e no fim de contas conjugado — da razão analítica positivista, da razão dialéctica materialista e da razão narrativa sincretista. Cada uma delas contraditória das outras, e portanto nenhuma delas, de per si e em conjunto, capaz de apaziguar a sede íntima de unidade e sentido do ser humano,

*compreende-se a importância da edificação filosófica de Eugenio Trías e do lugar e peso que lhe confere Samuel Dimas na sua própria procura e construção metafísica.*

7. *É conhecido o esforço de Martin Heidegger de compreensão do ser e significado espiritual da obra de arte. Interessante é agora, neste livro de Samuel Dimas, para além da excelente análise que é feita do pensamento de Heidegger sobre a obra de arte, vermo-nos confrontados com a colocação desse pensamento ao serviço — seja-me permitido falar assim — da solidez do terceiro pilar da sua construção filosófica, a simbólica do real. Neste ponto da sua análise, e tendo em vista a coerência do todo do livro e a congruência das diversas partes entre si, parece-me particularmente importante a referência ao sentido da «pertença a uma tradição» como condição de possibilidade da verdade do conhecimento e da significação da obra de arte. Não é a arte alheia ao cuidar do homem pela verdade. Vê Samuel Dimas na arte, na senda do pensamento de Heidegger, o pôr-se-em-obra-da-verdade. Mas dá-se esse acontecer, ao ser vivido, dentro de uma tradição. Chega a parecer-me que o próprio pôr-se-em-obra-da-verdade, como se vê pela verdade, é no seu ser ele mesmo situado. Do pensamento situado falámos antes e eis que ele aparece agora de novo, em diverso contexto.*

8. *Ora é no pensamento situado que imergimos na quarta parte, que trata d'a razão mística e a dessacralização judaico-cristã. Três passos somos levados a dar neste momento do livro, que já sabemos ser ao mesmo tempo uno e plural — uno na essência do pensamento que o constitui, plural na diversa circunstancialidade da respectiva produção existencial. O primeiro passo instala-nos no esforço filosófico de Afonso Botelho por traçar as linhas configuradoras de uma razão mítica, razão que nos daria conta do movimento conducente da indifferenciação primordial à transcendência judaico-cristã, no horizonte do pascoalino e dantesco quadro de regresso ao Paraíso. Razão é essa veridicamente mítica e mística, pois ao mito da origem se agrega e aduna o mistério da origem da revelação judaico-cristã.*

9. *Falando de regresso, e avançando para o segundo passo, de novo nos surge pela frente a oposição entre a natureza e a graça, que encontrámos na leitura da filosofia do limite de Eugenio Trías. Aparece agora essa oposição sob as formas da secularização e da dessacralização. É a oposição entre as realidades celestes e as realidades terres-*



tres. O autor não considera insuperável essa oposição. É muito interessante e instrutivo seguir neste ponto a sua argumentação, que inclui uma excelente referência analítica ao islão, para cuja dinâmica reformista entende ser possível o contributo da razão hermenêutica e da razão crítica.

10. O livro fecha-se, em pleno domínio do pensamento situado português, com o problema da relação da razão com o irracional de si própria no esforço especulativo de Leonardo Coimbra, José Marinho e Álvaro Ribeiro. Há um quarto de século pareceu-me que eram encontráveis em Leonardo as linhas definitórias de uma Razão que verdadeiramente fosse Trans-Razão, que compreenderia no seu infinito seio não apenas qualquer forma de Razão menor mas mesmo o que no filósofo criacionista pode denominar-se Irrazão. Que fosse, pois, a Razão Total, a Razão Infinita. Como não me há-de agradar que este livro se encerre com este apaixonante desafio?!...

MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

*Aos meus pais, Margarida e António; ao meu irmão Ricardo; à minha esposa, Elvira Torgal, e aos meus filhos Pedro Francisco, Madalena Maria do Mar e Mariana Flor; dádivas de Deus no saudoso caminho do Paraíso Celestial... essa eterna serra de giestas amarelas em que não há espaço para a angústia da solidão e a cumplicidade do olhar desvela os segredos da autenticidade... essa divina serra da Arrábida onde me voltei a enamorar pela Vida...*

*A quem me orientou nestes itinerários da sabedoria divina...*

António Braz Teixeira  
Artur Pires Morão  
Joaquim Cerqueira Gonçalves  
Joaquim de Sousa Teixeira  
José Esteves Pereira  
José Jacinto Farias  
Manuel Barbosa da Costa Freitas  
Manuel Cândido Pimentel  
Manuel do Carmo Ferreira  
Maria de Lourdes Sirgado Ganho  
Mendo Castro Henriques  
Peter Stilwell

## INTRODUÇÃO

### ITINERÁRIOS PARA DEUS

A existência de Deus não é evidente. O que é primeiro na ordem do ser não o é, quanto a nós, na ordem do conhecimento.<sup>1</sup>

Reúnem-se neste volume alguns estudos redigidos nos últimos anos no âmbito dos trabalhos da licenciatura e mestrado em Filosofia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. E porque o mundo é sacramento de Deus, indicamos os lugares e os tempos em que foram escritos estes diálogos de iniciação, na esperança de que o trabalho conceptual e a experiência de interrogação neles realizados possam contribuir para que as coisas partilhem o seu misterioso segredo, no reconhecimento de que eventual manifestação só se poderá concretizar de forma simbólica, pois a realidade em si mesma é inefável.

Num primeiro momento e a partir da análise da estrutura da Consciência, apresentamos um conjunto de investigações relacionadas com a experiência originária de Deus, a possibilidade da afirmação da sua existência e do conhecimento da

---

<sup>1</sup> Joaquim de Sousa Teixeira, «Teologia Filosófica e experiência transcendental», in AA. VV., *Estudos dedicados ao Prof. Doutor Manuel Barbosa da Costa Freitas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2003, p. 690.

relação entre a sua realidade transcendente e imanente. As reflexões citadas gravitam em torno do problema da existência de Deus que se pode formular em termos filosóficos da seguinte maneira: «se o homem é finito e se toda e qualquer experiência de Deus tem de ser adequada ao seu sujeito, como é que Deus, por definição infinito, pode ser incluído na experiência humana, mesmo na experiência religiosa?»<sup>2</sup>. Desta forma, os estudos apresentados no início deste volume procuram, essencialmente, responder a esta questão central: «Haverá conteúdos da experiência que se apresentam como ponto de partida do itinerário para Deus?»<sup>3</sup>

Num segundo momento, este trabalho incide sobre o sentido da realidade simbólica ou sacramental e sobre os conceitos de razão fronteiriça e razão mítica, abertos a outras formas gnósicas, como o sentimento, a imaginação e a intuição. Uma razão atenta ao domínio do sagrado e ao significado do mito e da experiência numinosa primordial. No entanto, as diferentes investigações surpreendem-nos com a enunciação de um denominador comum que consiste na conclusão de que Deus não se pode sentir directamente, pelo que a sua experiência, não sendo imediata, apenas se pode dar na realidade simbólica do mundo, como origem e fundamento do ser<sup>4</sup>.

Estes estudos revelam também que a questão filosófica da existência de Deus é uma questão metafísica, cujo ponto de partida não é exclusivamente racional, mas nasce da tensão

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 682.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 685.

<sup>4</sup> A tradição judaico-cristã, partindo da narração bíblica de que ninguém pode ver Deus directamente e continuar a viver, tem vindo ao longo dos séculos a reafirmar esta posição, referindo-se ao próprio Jesus Cristo como o símbolo de Deus Pai. Perante as suspeitas de ontologismo ou panteísmo relacionadas com a possibilidade de uma experiência explícita de Deus e da intuição da sua essência por parte do intelecto humano, a Igreja Católica tomou posição rejeitando essa tese que põe em causa o carácter rigorosamente *post mortem* da visão de Deus. Cf. Heinrich Denzinger, Peter Hünermann, *El Magistério de la Iglesia — Enchiridion symbolorum...*, n.ºs 2841-2847, Barcelona, Herder, 2000, p. 2839.

entre o *bios* e o *logos* que caracteriza a vida humana <sup>5</sup>, devendo ser abordada ao nível da experiência transcendental. Experiência e razão são indissociáveis e, por isso, só podemos chegar a conhecer aquilo que de algum modo, embora de forma oculta, já faz parte da nossa experiência integral, ou seja, nunca se atingiria Deus se de alguma maneira não estivesse já presente na complexidade da experiência humana. Acontece, no entanto, que para dar conta desta realidade não serve qualquer tipo de teoria do conhecimento. A articulação do discurso sobre Deus com a experiência exige um realismo metafísico que não ceda à tentação do intelectualismo abstracto, enclausurado na imaculada concepção das ideias puras e na convicção de que a realidade se reduz à racionalidade, como acontecerá com Hegel.

Assim, de forma recorrente nos deparamos, ao longo destes textos, com o reconhecimento dos limites da razão perante a realidade radical da experiência religiosa que excede o poder da reflexão filosófica e aponta para as regiões insondáveis do mistério que só o símbolo, de forma indirecta ou analógica, pode dizer. Contudo, porque o seu objecto é directamente dado e não posto pela consciência, a experiência é «um modo directo e originário de conhecer», mas «os vários momentos que a integram revestem-se de um certo carácter indirecto (assim, quer o seu nascimento quer a sua tematização só se nos apresentam mediante um certo carácter processual)» <sup>6</sup>. Verificaremos ao longo dos diferentes estudos a impossibilidade de considerar Deus como objecto directo da experiência humana, pelo que a demonstração da sua existência é invariavelmente remetida para o plano dos conteúdos da experiência humana global que simbolicamente possam ter a ver com o fundamento divino originante.

---

<sup>5</sup> Cf. Joaquim de Sousa Teixeira, «Teologia filosófica e experiência transcendental», in *op. cit.*, p. 679.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 684. Desta maneira só o «pensamento» e só a «percepção sensível» não conseguem captar a realidade tal como ela é. A afirmação da existência de Deus só se pode processar pelo intelecto que é o «órgão do ser», não existindo conhecimento sensível sem actividade judicativa, pelo que a passividade sensível nunca pode ser absoluta. Cf. *ibidem*, p. 685.

## ÍNDICE

Prefácio, por MANUEL FERREIRA PATRÍCIO .....	7
INTRODUÇÃO — Itinerários para Deus .....	17

### I PARTE

#### A CONSCIÊNCIA COGNOSCENTE E AGENTE

A ESTRUTURA DINÂMICA DA CONSCIÊNCIA COGNOSCENTE E AGENTE EM BERNARD LONERGAN — Introdução .....	55
I — A CONCEPÇÃO DINÂMICA DO SER E A CRÍTICA À ABS- TRACÇÃO CONCEPTUALISTA .....	61
1. A negligência do sujeito cognoscente .....	61
2. A ciência clássica e o saber de carácter intemporal .....	69
3. A ciência moderna entende o universo como dinâmico, imponderável e provável .....	86
4. A recusa da abstracção excessiva do imobilismo anti- -histórico e a consideração do ser como concreto, irres- -trito e dinâmico .....	96
5. O ser é conhecido no juízo, sendo anterior e posterior a este .....	103
6. O mecanicismo cartesiano e a redução do sujeito cog- noscente à objectividade normativa e absoluta da noção racionalista de razão pura .....	106
7. A objectividade normativa da dialéctica hegeliana con- ceptualista e fechada .....	119

II — A AUTOTRASCENDÊNCIA COGNITIVA DO SUJEITO E A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS .....	125
1. Uma objectividade da verdade que não negligencie o sujeito .....	125
2. As configurações da experiência por onde flui a consi- ciência .....	133
3. As categorias de estrutura e de relação do ser humano e os diferentes níveis da consciência .....	140
4. O acto de intelecção e os diferentes campos de signi- ficação .....	157
5. A auto-afirmação do sujeito cognoscente é uma lei imanente .....	168
6. O esquema normativo imanente às operações consi- cientes não admite uma revisão radical.....	176
7. O juízo da existência de uma auto-afirmação do su- jeito cognoscente não depende de princípios <i>a priori</i> ....	181
8. O ser como objecto do puro desejo irrestrito de co- nhecer .....	186
9. A afirmação da existência de Deus e a descrição dos seus atributos .....	193
10. Deus, enquanto causa do universo, não é o autor do mal .....	203
III — A AUTOTRASCENDÊNCIA MORAL DO SUJEITO E A SOLUÇÃO DE DEUS PARA O PROBLEMA DO MAL .....	209
1. A unidade dinâmica do sujeito cognoscente e agente	209
2. A autonomia do sujeito cognoscente e agente no exer- cício da sua liberdade essencial .....	214
3. As condicionantes da liberdade efectiva.....	226
4. A acção humana decorre num mundo pessoal e numa comunidade de sentido .....	232
5. O valor do bem atinge-se pela autotranscendência do sujeito existencial .....	239
6. O progresso e a decadência do bem humano .....	244
7. A caridade, a esperança e a fé como soluções de Deus para o problema do mal (ao nível do intelecto e da vontade) .....	248
8. O mistério de Deus como solução para o problema do mal (ao nível da sensibilidade, afectividade e ima- ginação).....	259
9. O conhecimento da fé que nasce da experiência amo- rosa de Deus .....	265

## II PARTE

### A EXPERIÊNCIA DE DEUS

I — A EXPERIÊNCIA TEOLOGAL DE DEUS EM XAVIER ZUBIRI	273
1. A partir da dimensão teologal do homem .....	273
2. A realidade humana .....	277
3. A realidade de Deus .....	283
4. O acesso do homem a Deus .....	289
5. O homem, experiência de Deus .....	300
II — DELFIM SANTOS E O PROTESTANTISMO: A DESPROPORCIONALIDADE ENTRE A EXPERIÊNCIA ORIGINÁRIA DO SER DIVINO E A RAZÃO LÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO E FILOSÓFICO .....	307
III — A CONATURALIDADE ONTOLÓGICA ENTRE O SER HUMANO E DEUS NA OBRA <i>A RÚSSIA DE HOJE E O HOMEM DE SEMPRE</i> DE LEONARDO COIMBRA .....	353
1. Proémio .....	353
2. A filosofia é o amor da verdade essencial .....	355
3. Entre o espírito humano e Deus existe um conhecimento de conaturalidade .....	362
4. Conclusão: «o humanismo cristão» caracteriza-se por uma íntima unidade entre a natureza e a graça .....	373
IV — UM ITINERÁRIO DO DIVINO EM FERNANDO PESSOA	379

## III PARTE

### A RAZÃO FRONTEIRIÇA E A SIMBÓLICA DO REAL

I — A SIMBÓLICA DO REAL EM KARL RAHNER .....	415
1. Proémio .....	415
2. Para uma ontologia da realidade simbólica .....	417
3. Para uma teologia da realidade simbólica .....	429
4. O corpo como símbolo do homem .....	442
5. Conclusão: a humanidade de Jesus Cristo enquanto símbolo real do <i>logos</i> .....	449



II — A UNIDADE ESPIRITUAL ENTRE RAZÃO E SÍMBOLO NA FILOSOFIA DO LIMITE DE EUGENIO TRÍAS .....	459
1. Método filosófico: contra a <i>razão</i> analítica positivista, a <i>razão</i> dialéctica materialista e a <i>razão</i> narrativa sincretista .....	459
2. Do <i>logos</i> simbólico ao <i>logos</i> racional na procura de superar a cisão entre o mundo divino e o mundo natural .....	470
2.1. O símbolo como manifestação sensível do princípio primordial originante .....	470
2.2. A revelação do acontecimento simbólico e a manifestação simbólica do sagrado no mundo .....	484
2.3. A configuração mágica do mundo .....	493
2.4. O encontro com o sagrado através da fé cristã reformista (equivocidade entre a razão divina e a razão natural) .....	496
2.5. Um <i>logos</i> racional para promover a mediação entre o mundo <i>numinoso</i> da graça (transcendente) e o mundo <i>fenoménico</i> da vida natural (imane)te) .....	501
3. Da <i>razão</i> manifestativa do espírito ao seu núcleo misterioso e constitutivo .....	508
3.1. As luzes e as sombras da <i>razão crítica</i> .....	508
3.2. O inconsciente romântico e o retorno do esotérico lado <i>obsuro e nocturno</i> do espírito .....	516
3.3. Para um horizonte de síntese entre o <i>simbolismo</i> e a <i>razão</i> .....	524
4. As categorias ontológicas da <i>filosofia do limite</i> .....	527
4.1. O triângulo ontológico: <i>ser de limite, razão fronteira</i> <i>e suplemento simbólico</i> .....	527
4.2. As <i>paixões filosóficas</i> antecedem a <i>inteligência racional</i> no processo de conhecimento da <i>verdade do ser de limite</i> .....	532
4.3. Uma razão que faz fronteira com o mistério e que a ele accede pelo recurso ao símbolo .....	542
4.4. A verdade do <i>ser de limite</i> que transcende toda a tábua categorial .....	545
5. Conclusão: a unidade espiritual entre razão e símbolo como proposta para a superação da cisão entre o transcendente e o imane)te) .....	547

III — A SIMBÓLICA DA OBRA DE ARTE EM MARTIN HEIDEGGER .....	563
1. A criação artística como forma de aceder à experiência do inacabado .....	563
2. O sentido da <i>compreensão</i> e da «pertença a uma tradição» como condição de possibilidade da verdade do conhecimento e da significação da «obra de arte» .....	568
3. A experiência simbólica da arte .....	580
4. O carácter coisal da obra .....	588
5. «A arte é o pôr-se-em-obra-da-verdade» .....	596

#### IV PARTE

### A RAZÃO MISTÉRICA E A DESSACRALIZAÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

I — A RAZÃO MÍTICA EM AFONSO BOTELHO: DA INDIFFERENCIAÇÃO PRIMORDIAL À TRANSCENDÊNCIA JUDAICO-CRISTÃ .....	613
1. As filosofias do <i>mito</i> e do <i>mistério</i> , enquanto regresso do pensamento à primordial realidade da origem, exigem uma teoria integral do ser .....	613
2. O <i>mito da origem</i> e a primordial indiferenciação da realidade .....	616
3. O <i>mistério da origem</i> da revelação judaico-cristã e a transcendência de Deus .....	628
4. A confluência entre a <i>razão do mito da origem</i> da revelação primordial e a <i>razão do mistério da origem</i> da revelação judaico-cristã no movimento de regresso ao paraíso .....	632
II — A CONVERGÊNCIA ENTRE A DESSACRALIZAÇÃO E A SECULARIZAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CIDADE .....	643
1. A «secularização» como legítima autonomia das realidades terrestres .....	643
2. A convergência entre a desmitificação e a secularização no reconhecimento da condição sacramental da criação .....	650

3. A transformação escatológica da criação em «nova terra e novos céus» inicia-se na história com o compromisso do homem em construir um mundo mais justo e fraterno .....	678
4. O movimento da secularidade e o recurso da teologia cristã à metodologia científica numa dinâmica renovada de diálogo interdisciplinar .....	691
5. O contributo da razão hermenêutica e da razão crítica na dinâmica reformista da simbólica do islão .....	708
 III — LEONARDO COIMBRA, JOSÉ MARINHO, ÁLVARO RIBEIRO E A RELAÇÃO DA RAZÃO COM O IRRACIONAL DE SI PRÓPRIA .....	 723